



DA MODERNIZAÇÃO À SEGREGAÇÃO:

as transformações urbanas e a resistência popular no Arraial Moura Brasil – Fortaleza – CE.

Carlos Henrique Lopes Pinheiro¹

RESUMO

A modernização de Fortaleza e, junto a esta, o desenvolvimento do setor industrial, comercial e administrativo, influenciaram sobremaneira para a atração da população interiorana, que não vislumbrava qualquer possibilidade de melhoria de vida em seu ambiente originário. Contraditoriamente, a modernização da Cidade proporcionou acelerado empobrecimento urbano, uma vez que o crescimento no número de favelas e o conseqüente agravamento dos problemas sociais sugeriram questionamentos e suspeitas quanto ao tipo de planejamento executado. Este trabalho vem, portanto, estabelecer um paralelo entre a modernização urbana de Fortaleza com o aumento da pobreza e segregação sócio-espacial, ao qual passou a cidade, principalmente, a partir da década de 1970.

Palavras-Chave: Segregação, Transformações Urbanas, Resistência popular.

ABSTRACT

The modernization of Fortaleza city and the development of industrial, commercial and administrative sector influenced to attract country people. These people did not think it was possible to get better life conditions in their original cities. Contradictorily, Fortaleza's modernization provided quick urban impoverishment, an increase in the shantytowns and worsening of social problems. These facts suggest questions about executed scheming. This study aimed to compare Fortaleza's urban modernization and the increase of the poverty and sociospatial segregation since 1970's decade.

Key words: segregation, urban transformation, public resistance

1 INTRODUÇÃO

Fortaleza, nas últimas décadas, foi marcada por grandes mutações em sua paisagem urbana. A modernização desencadeou uma gama de transformações espaciais, movimentada pela intensa urbanização, decorrente do avanço industrial, proporcionando, desta forma, uma significativa movimentação campo-cidade, originando conflitos de várias ordens, bem como fortalecendo organizações sociais, tendo como exemplo principal as reivindicações populares de melhorias na qualidade de vida urbana. Pode-se dizer que a capital do Ceará vivenciou, sobretudo na década de 1970, uma situação de modernidade², e, ao mesmo tempo, evidencia que não estava de fato preparada para lidar com ela.

¹ Mestre em Políticas Públicas e Sociedade. Docente do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências Aplicadas Leão Sampaio

² A expressão modernidade é posta aqui no sentido “moderno”, “novo”, “de novidade” e não como momento histórico-sociológico que se relaciona a períodos que antecedem o momento contemporâneo, considerado por alguns autores como “pós-modernismo”.

Durante o período militar e, principalmente, entre as décadas de 1960 e 1970, o “desenvolvimento” urbano ou o crescimento das cidades fundamentou-se na expansão do setor industrial. Em Fortaleza, a construção de grandes avenidas seguiu esta tendência, fazendo emergir a necessidade de um debate da relação urbanização, crescimento e segregação socioespacial.

2 FORTALEZA: da crise de adolescência à maioria metropolitana

O crescimento acelerado da população, a industrialização precária e tardia e a “necessidade” de inserção nos mercados nacional e global motivaram a elite cearense a acabar com a chamada “crise de adolescência³” por que passava Fortaleza, elaborando, incentivando e planejando o seu desenvolvimento e inserção no capital internacional.

A “miséria do planejamento” (FERNANDES: 1990) e, ainda, o atraso na execução destes planos fizeram com que a urbanização e a modernização da Cidade acentuassem e evidenciassem as desigualdades locais, aumentando a magnitude e visibilidade da pobreza urbana. Tratamos de atraso, pois, no caso específico da construção das vias de circulação analisadas nesta pesquisa (notadamente na década de 1970, com a construção de quatro grandes eixos viários, que representaram o símbolo da modernidade e do progresso fortalezense conferindo-lhe o “recibo de maioria metropolitana⁴”), estas foram executadas com aproximadamente dez anos de atraso de seu “planejamento”, haja vista estarem previstas desde o plano urbanístico de Hélio Modesto (1962 / 1963) como se refere em entrevista, o Dr. Fialho, prefeito da Cidade naquele período, destacando a avenida Leste-Oeste:

A avenida estava prevista no plano urbanístico do urbanista Hélio Modesto. O Dr. Hélio Modesto elaborou um plano de desenvolvimento da cidade de Fortaleza na época que era prefeito o General Cordeiro Neto... oito anos depois quando eu assumi a prefeitura, já se tinha passado as administrações do General Murilo Borges, do Dr. José Walter, então, eu assumi a prefeitura no governo do Dr. César Cals e executei. O plano já existia. Agora, o plano não detalhava por onde devia ser feito as avenidas. O plano recomendava que fosse feita uma interligação do Porto do Mucuripe com a barra do Ceará, então, nós fomos analisar qual seria o melhor roteiro, o melhor encaminhamento.

Ao analisarmos a fala do Administrador de Fortaleza, procuramos entender e admitir que a Cidade apresenta uma dicotomia singular, própria, que também é histórica e se caracteriza pela “modernização / segregação”. Aparentemente, seus planos soam mais

³ Anuário do Ceará, 1972.

⁴ Anuário do Ceará, 1974.

como uma sugestão do que propriamente um plano de ação, deixando margens para diferentes questionamentos sobre o real planejamento urbano deste período.

Diante deste cenário, em nossa discussão de um espaço de pequena dimensão, no caso o Arraial Moura Brasil, a partir de uma política de produção do espaço urbano (avenida Leste-Oeste) levantamos a seguinte questão: podemos falar de segregação socioespacial a partir deste processo de produção do espaço urbano?

Tendo por base a divisão de acesso e o uso diferenciado dos espaços, admitimos que as ações voltadas para a organização espacial da Cidade seguiram uma lógica e uma tendência tecnocrata, uma vez que Fortaleza teve verdadeira explosão urbana, tão intensa que a própria legislação, por vezes, proporcionava ao meio rural pouca consistência de políticas públicas, provocando o êxodo rural, agravando os problemas sociais urbanos. Embora contasse com todo um arcabouço desenvolvimentista, não conseguia abrigar todo o contingente populacional que buscou a Cidade.

Todas essas transformações não poderiam estar desvinculadas da questão democrática, ou pela ausência desta, considerando que o moderno não nos trouxe a liberdade de participação. O modelo autoritário empregado durante o período ditatorial (em que a avenida foi construída) mantinha um excessivo controle social, no que diz respeito aos direitos, deveres, organização e até mesmo sua liberdade de expressão. Para tanto, recorremos a Bobbio (1997), que apresenta a concepção do poder político-jurídico, em que estas leis ou regras passam a ser simultaneamente dever e direito, em que o indivíduo só passa a ser possuidor de direitos quando este não foge às regras do jogo.

Com isso, procuramos contrapor a política brasileira, e, de forma especial, a política urbana em estudo, entre o moderno e o tradicional, mostrando que até o período ditatorial militar brasileiro a percepção política, que buscava compreender e institucionalizar o papel do Estado, tinha a mesma mentalidade do período imperial. A concepção ideológica da época era a necessidade da criação de um Estado nacional centralizado. Desta forma, o conservadorismo “mascarou” o avanço liberal, que veio a ser evidenciado anos mais tarde. Esta realidade, segundo Telles (1994: 229) demonstra a

lógica de uma modernização selvagem que deixa atrás de si retratos de devastação, nos ciclos econômicos que se sucedem e se extinguem, numa lógica predatória que deixa apenas decadência e pobreza como legado da pobreza antes criada, que destrói o que foi anteriormente construído, não sedimenta sociabilidade e cultura, dilapida recursos e espolia energias humanas.

Com efeito, Fortaleza buscou sua modernização, sem, contudo, estabelecer uma ruptura com o tradicional, e a idéia de indivíduo cedeu lugar à noção de comunidade, empregada pela teoria liberal, fundamental para a sua modernização, todavia, sem levar em

consideração as práticas cotidianas, as relações sociais já estabelecidas e, ainda, marcadas pela ausência de participação popular nos rumos da cidade.

Isto posto, acreditamos que a construção da avenida Leste-Oeste e a produção do espaço urbano desempenhada pelo Estado no setor oeste, produziram uma situação de segregação explícita, induzida, legalmente sancionada, predominantemente de base socioeconômica e de uma minoria sobre uma maioria⁵.

Com base nestas afirmações e nos autores constituintes do referencial teórico e trabalhados nesta pesquisa, passamos a analisar, na continuidade deste trabalho, a expansão e modernização da cidade de Fortaleza a partir da construção das vias de circulação, mais especificamente, da avenida Leste-Oeste. Para melhor entendê-la, buscamos conhecer e compreender a visão administrativa da época, assim como a perspectiva da população do Arraial Moura Brasil, que vivenciou as grandes transformações socioespaciais ocorridas a partir da ação planejada do Estado. Já nos tópicos seguintes, intencionamos compreender a dinâmica do bairro, sua evolução pós - Leste-Oeste, fazendo uma reconstituição factual, de acordo com as falas de seus moradores, enfocando as relações sociais, as práticas cotidianas e o olhar e perspectivas que eles têm do próprio bairro e ainda do bairro com a cidade.

3 AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E A RESISTÊNCIA POPULAR NO ARRAIAL MOURA BRASIL

Conforme apresentado ao longo deste trabalho, vimos que Fortaleza foi palco de uma configuração urbana e socioespacial que privilegiou a estrutura urbana e pouco considerou as práticas socioespaciais. O processo de urbanização a que Cidade foi submetida, sobretudo a partir da década de 1970, trouxe melhorias para alguns setores da população, mas, por outro lado, aprofundou a pobreza urbana, acentuou a segregação espacial, acelerou o crescimento de favelas e áreas periféricas, com os chamados conjuntos habitacionais, proporcionando para muitos e, em especial, para os moradores do Moura Brasil verdadeira deterioração das condições de vida a partir da ausência de serviços de saúde, educação e a falta de perspectivas de ocupação e trabalho para seus moradores.

A cidade, efetivamente, mudou. Deram-se, nela, a expansão da malha urbana, investimento em infra-estrutura, saneamento básico e urbanização de bairros e favelas, enormes aglomerados habitacionais para os setores populares e até a verticalização, conseqüência inevitável de seu crescimento. No entanto, essa transformação trouxe um alto custo para a imensa maioria da população, que não teve acesso aos benefícios produzidos no desdobramento do processo. (LIMA: 2003, p. 105).

⁵ Vasconcelos, Pedro. A questão da segregação. Artigo, 1999.

Neste tópico, buscamos evidenciar o sentimento de pertença dos moradores em relação ao bairro, explicitando suas lutas, manifestações e resistência ante os acontecimentos que transformaram o cotidiano local, e estabelecendo nova relação social e de sociabilidade para com a cidade. Desta forma, queremos demonstrar aqui o caráter não passivo da população, durante a construção da Avenida. O fato é que as lutas foram muitas, e, a busca pela inserção cidadina traz a imagem de uma cidade que busca se modernizar, num quadro camuflado de grandes contradições e conflitos sociais, marcado por fortes traços segregadores e excludentes das camadas populares.

Contraditoriamente, a modernização da Cidade proporcionou acelerado empobrecimento urbano, uma vez que o crescimento no número de favelas e o conseqüente agravamento dos problemas sociais sugeriram questionamentos e suspeitas quanto ao tipo de planejamento executado. Podemos acentuar, então, que, rapidamente, a realidade social de Fortaleza, “desmascarou” as fantasias da Modernidade e igualdade, pois, ao redor dessa cidade moderna, configurou-se verdadeiro cinturão de pobreza, evidenciando assim uma segregação brutal de uso e acesso dos seus espaços. Para Souza e Rodrigues (2004: 32), *“A segregação exige o controle e a organização do espaço para manter uma ordem sócio-espacial elitista e excludente: as pessoas e as coisas devem ser mantidas nos seus devidos lugares”*.

Com efeito, percebemos que Fortaleza é marcada por territórios em constante conflito. As mutações urbanas tornaram-se ponto de reclamações, exigindo cada vez mais políticas públicas capazes de atender as necessidades da população e ajustar grupos sociais.

Ao contrapor olhares e percepções sobre o mesmo acontecimento, no caso, a construção da avenida Leste-Oeste e a repercussão desta transformação para os moradores do Arraial Moura Brasil, notamos a distância e até mesmo o antagonismo entre o Estado e a população ante o mesmo cenário.

De acordo com um entrevistado da Administração municipal da época, a avenida Leste-Oeste teve a melhor receptividade possível por parte de todas as camadas sociais, desde a população local - diretamente atingida pela construção da via - até mesmo as classes mais abastadas, como o empresariado e a classe industrial, que se estabeleceram. Ao referir-se a esta receptividade, ele expõe o seguinte:

Pra você ter um idéia, das 2.200 desapropriações 99% foram amigáveis. Foram feitas numa concordância da prefeitura com as pessoas que ficaram satisfeitas com o valor da desapropriação. Então, o engenheiro responsável pela construção da Avenida Leste-Oeste tinha uma grande capacidade de diálogo e, em função disso, ele manteve um diálogo muito bom com todas as pessoas e isso contribuiu para que as desapropriações fossem tranqüilas. Nós tínhamos também uma presidenta da Fundação Social de Fortaleza, a Dr. Aldacir Barbosa que ela tinha uma equipe muito competente, ela pessoalmente era muito competente, uma equipe muito competente de assistentes sociais, então houve essa conjugação do trabalho eficiente do Dr. José Liberato que era um bom engenheiro de diálogo muito bom, e da Dra. Aldacir Barbosa que era diretora da Fundação Social de Fortaleza. A Dra. Aldacir tinha uma equipe muito boa de assistentes sociais de forma que ela fazia um trabalho social muito bom. Então ela é quem coordenava esses conjuntos Palmeiras e Rondon. E, por exemplo, nas cinzas foi feito um trabalho social muito bom, por que algumas casas de prostituição nas cinzas haviam muitas moças que haviam vindo do interior, e essas moças estavam funcionando quase no regime escravo. Elas nunca ganhavam dinheiro suficiente para pagar suas contas com a MADAME e se libertarem. Então o serviço de ação social da prefeitura, chegou de casa em casa dessas e houve muitos casos, muitos, em que as moças que estavam nessas casas ganharam uma nova liberdade, porque, nós não indenizávamos a dona da casa de prostituição direto, nós indenizávamos a todas as mulheres que estavam na casa. A dona nós indenizávamos os móveis e os prédios. Mas além disso, nós dávamos uma indenização a cada uma das mulheres que estavam na casa de prostituição. E outra coisa, o serviço de ação social examinava se o dinheiro dado para essas moças, se não era tomado pela dona da casa. Se a moça dizia que queria, por exemplo, voltar para a casa dela numa cidade do interior, então a ação social comprava a passagem, fazia o acerto dela com a dona da casa de prostituição, aí dava a passagem dela e dava mais um recurso pra ela voltar pra casa. Então houve muitos casos em que essas jovens tiveram a oportunidade de voltar para as suas famílias. Houve casos também, assim casos que tocavam a gente, que muitas dessas casas de prostituição tinham moças e até crianças que não eram sadios, então a ação social procurou ajudar essas mães a ter um canto dar apoio a essas crianças. Enfim a construção da Leste-Oeste, sem dúvida nenhuma algumas famílias tiveram que ser deslocadas e mesmo recebendo uma indenização justa, elas foram incomodadas, né, pelo deslocamento, mas em muitos casos também houve esse apoio social que houve uma melhoria social para muitas pessoas. Depois os que ficaram todos foram muito beneficiados. Por que os que ficaram tanto no Moura Brasil como no Pirambu, até a Barra do Ceará, todos tiveram seus imóveis valorizados.

Em contraponto a este depoimento, os moradores do bairro que vivenciaram todas estas transformações fazem questão de esclarecer que este processo não foi nada pacífico. A luta da população local para permanecer no bairro foi constante. O que se queria por parte dos moradores não era paralisar a obra ou mesmo discutir sua importância; o que eles queriam na verdade eram ser incorporados pela Cidade, desfrutar e também se beneficiar com os apelos da modernização; buscava-se na verdade uma melhoria na qualidade de vida e auferir condições de desenvolvimento e realização pessoal.

Segundo a população, a rua Santa Teresinha, que deu lugar à avenida Presidente Castelo Branco, popularmente conhecida com Leste-Oeste, necessitava realmente de transformações, pois a rua era um importante canal de ligação entre as mais diversas áreas da Cidade. Com isso, evidenciamos aqui o fato de que a população tinha a exata noção da importância da construção da via e, exatamente por saber dessa importância, é que ela buscou meios de resistência e proporcionou diversas reivindicações

para permanecerem no bairro. Ao descrever a reação da população, uma moradora destaca que as pessoas do bairro

Se revoltaram, não queriam sair. Porque primeiro a indenização foi uma mixaria, eu já to pensando como é que vai ser quando tiver que sair daqui, quando forem tirar a gente daqui. Houve reação de todo tipo, mas a reação maior foi quando quiseram tirar a capela que nós se armamos tudo de pau e de pedra. Foi um sufoco, aquela época foi triste. Muita gente indo embora, sem saber direito pra onde...foi triste! No período de 66/68 e até 1972 foi uma confusão danada.

Na mesma linha, outra moradora se mostra indignada com a ação do Poder público no processo de desapropriação. Mesmo reconhecendo a importância da Avenida, ela destaca a noção de que o diálogo com o Estado não era aberto e que as ações desenvolvidas eram autoritárias. Quanto à construção da via ela assinala:

Ah, foi um sacrifício. Um bocado de gente chorando, eles quebraram logo tudo...logo botaram um caboclo tão atrevido, pro povo desocupar as casas né, eles pegavam as coisas do povo quebrando tudo, rebojavam em cima do caminhão, quebrava tudo. Eu saí antes, quando eu vi que ia começar mesmo, aí meu marido alugou uma casa lá na Parquelândia aí eu me mudei pra lá. Mas eu assisti tudo, assisti a saída do povo aqui, foi um temor. Muita gente... uns achavam bom porque iam pra casinha deles, outros que não tinham casa... quem tinha casa aqui não ganhou casa, aí foi aquela confusão. Mas graças a Deus saiu todo mundo, passaram o asfalto aí e fizeram a Leste-Oeste, que foi muito boa, melhorou um pouco o bairro, mas em compensação prejudicou muita gente, principalmente as pessoas que tinham comércio.

A mesma entrevistada prossegue, mostrando como ocorreu a transferência da população de um bairro para outro e como se deu esse convencimento da massa.

foi assim: primeiro as assistentes social vieram mostrar uns filmes lá do local pra onde eles iam né, você sabe uns filmes com o local "muito bonito", você sabe os filme né! Lá no Rondon, pra onde iam levar o povo pra lá, o povo na hora ficaram satisfeitos e tudo, mas depois quando viram mesmo a verdade aí muita gente achou ruim... Mas agora já ta todo mundo acomodado graças a Deus.

Diante deste cenário, e relacionando à idéia central trabalhada neste artigo, destacando o uso e a ocupação do espaço configurado hoje pelo Arraial Moura Brasil e tantos outros bairros do setor oeste, passamos a melhor compreender as formas de ocupação e uso deste bairro e a realidade segregadora que o caracterizam.

Como já expusemos, os problemas sociais urbanos percebidos no Arraial Moura Brasil não podem ser vistos apenas em decorrência da construção da avenida Leste-Oeste, mas sim são oriundos de tempos bem mais remotos.

4 CONCLUSÃO

Diante do exposto, notamos que a compreensão da realidade varia de acordo com os interesses e vivências de cada perspectiva. A compreensão do cotidiano e das práticas socioespaciais compõe um universo heterogêneo, cercado de particularidades, tradições e representações simbólicas, constitutivas de traço comum de sociabilidade. O espaço urbano muda, transforma-se e é transformado por diversos sujeitos que constituem assim a história de um lugar. Os conflitos se evidenciam e o uso diferenciado dos espaços proporciona o processo de segregação. Neste sentido, Carlos atenta para a noção de que

desse modo, os lugares da cidade se delimitam, se fecham, se tornam exclusivos. De um lado produz-se um espaço onde se limita rupturas entre lugares de trabalho, do lazer, da moradia, onde a estratificação sócio-espacial se revela nos acessos diferenciados funcionalmente. De outro, como a sociedade existe no uso, dado pelas divisões no espaço, as atividades tendem a se desenvolver, na metrópole, em ambientes fechados. (1996: 88).

Comprovamos, pois, que a sociabilidade no Moura Brasil foi marcada pelo término das atividades que aconteciam no bairro, como o fim das relações de vizinhança, desestruturação familiar, ruptura cultural e estabelecimento forçado de uma nova prática socioespacial.

Assim, a partir de uma visão tecnocrática, e estrutural, o planejamento e a configuração urbana de Fortaleza, aparentemente, não estabeleceram quaisquer critérios de inclusão social. A forma de espacialização da Cidade contribuiu para a constituição de áreas segregadas, demarcadas por fronteiras socioespaciais simbólicas dos diferentes segmentos da sociedade.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, N. **O Futuro da Democracia**: uma defesa das regras do jogo. 6 ed. São Paulo: Terra e Paz, 1997.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **O Lugar no / do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **Espaço e Indústria**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

FERNANDES, Rosângela Maria Costa. **O planejamento da miséria e a miséria do planejamento:** o surgimento do conjunto Marechal Rondon. Fortaleza, 1990. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de ciências humanas, Universidade Federal do Ceará.

LIMA, Antonia Jesuíta de. **As Multifaces da Pobreza:** formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos. Teresina: Halley, 2003.

SAMPAIO, Dorian ; LUSTOSA, Costa. **Anuário do Estado do Ceará,** 1972.

_____ **Anuário do Ceará,** 1974.

SOUZA, Marcelo Lopes de. RODRIGUES, Glauco Bruce. **Planejamento Urbano e Ativismos Sociais.** São Paulo: UNESP, 2004.

TELLES, Vera da S. Pobreza. **Movimentos** sociais e cultura política: notas sobre as difíceis relações entre pobreza, direito e democracia. In: DINIZ, Eli (org.). **O Brasil no rastro da crise.** São Paulo: Hucitec, 1994.